MUSEUS, RITUAIS, PERFORMANCES E PROPÓSITOS. O MUSEU DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

por

Carlos Robalo*

Resumo

Recensão crítica do espaço expositivo do Museu da Presidência da República, realizada entre 2004 – imediatamente após a sua inauguração – e 2007. Perscrutado pelo olhar do antropólogo, o museu é aqui apresentado na sua dimensão de espaço performativo, onde o visitante realiza um ritual de passagem, essencialmente *republicanista*. Analisa-se o trajecto-performance do visitante, que se desenvolve – nas suas fases de *separação*, *liminaridade* e *agregação* – através do percurso expositivo, induzido pelos objectos-relíquias e pela cenografia, construída sobre o próprio Palácio de Belém – *Olimpo da República* –, com base num discurso estruturado, com propósitos de reprodução social e de agregação: "f*ormar os portugueses para a cidadania*". O Museu da Presidência da República, em que cada visitante é "*a peça principal*", revela-se, antes de tudo o mais, como um espaço ritual e performativo.

Palavras-chave

Museus

Discurso expositivo

Ritual

Performance

Ideologia

Poder

Abstract

Critical review on the exhibition space of the Museum of the Presidency of the Republic, held between 2004 – immediately after its inauguration – and 2007. Peered through the eyes of the anthropologist, the museum is presented here in its dimension of performative space, where the visitor performs an essentially *republican* rite of passage. The article analyses the visitor's path-performance, which develops – in its phases of *separation*, *liminality* and *aggregation* – through the exhibition route, induced by the objects-relics and the set design, built on the very Belem Palace – *Olympus of the Republic* – based on a structured discourse, with aggregation and social reproduction purposes: "*to train the Portuguese for citizenship*". The Museum of the Presidency of the Republic, where each visitor is "*the main part*", reveals itself, before everything else, as a ritual and performative space.

Keywords

Museums

Exhibition's discourse

Ritual

Performance

Ideology

Power

* *Antropólogo. Centro em Rede de Investigação em Antropologia – CRIA / ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. (E-mail: carlos.robalo@iscte.pt)*

Introdução

A inauguração do Museu da Presidência da República, em 2004, foi objecto de uma ruidosa campanha publicitária nacional e largamente noticiada em todos os órgãos de comunicação social. A televisão pública – RTP – chegou mesmo a emitir um telejornal especial, montando o estúdio nas instalações do museu. Este marketing e notoriedade, inéditos para um museu, suscitaram grande curiosidade popular. Da província, partiram autocarros com excursões para visita ao museu; e as ruas circundantes do palácio de Belém preencheram-se com longas filas de espera, onde o público aguardava, durante horas, a sua vez de entrar.

Perante esta circunstância, tornava-se imperativo que o olhar de um antropólogo perscrutasse o fenómeno. A primeira visita foi feita pouco depois da inauguração, entre a multidão, e a segunda três anos mais tarde, numa manhã mais calma, de um dia útil, possibilitando um exame mais acurado do lugar. Desta observação resultou a presente recensão crítica que, por abordar questões sensíveis de Poder e de políticas museológicas, não foi imediatamente publicada.

Efectivamente, e como tentamos demonstrar, uma política museológica é sempre subsidiária de uma determinada mundivisão, com propósitos mais ou menos condicionadores e ideológicos, sobretudo quando surge directamente subordinada ao Poder. Um projecto museológico faz parte de "*projectos políticos sustentados em determinadas perspectivas*" [...] e os museus "*podem ser utilizadas para dizer verdades e para dizer mentiras*" (Mário Chagas, 2008). Duncan (1995: 5) recorda-nos que os museus são "*produtos de interesses sociais e políticos*" e, por isso, "*não são território neutral*" (Smith 1989: 12). Afinal, as sociedades não são neutrais e a selecção de objectos nunca é inocente, resultando frequentemente de uma manipulação para servir interesses ideológicos (Susan Pearce 1989: 8). É isso que nos quer dizer Jordanova (1989: 26) quando afirma que "*o que está presente e o que é omitido* [nos museus], *não é acidental*". Desta forma, os museus são notáveis criadores de mitos (Kavanagh 1989: 132) e (re) produtores ideológicos (Duncan 1995: 4-5). Mais concretamente, na asserção de Hill (2005: 6) e Duncan (1995: 6), os museus são, principalmente, lugares de poder.

No momento em que o Museu da Presidência da República comemora o seu 10º aniversário, aproveitamos a oportunidade para divulgar esta recensão que é, sublinhamos, um exercício de antropologia, que toma como objecto um discurso museológico que permanece patente, com insignificantes alterações, na exposição permanente daquela instituição.

Museus, rituais, performances e propósitos

Quando o historiador Daniel Sherman (1994) utilizou o conceito de "*cultura de museu*", queria evidenciar o facto de os museus, enquanto instituições, serem produtores de uma cultura própria. Desta forma, distinguiu, por um lado, a maneira como os museus *representam* as várias culturas (exóticas, antigas, etc.) e, por outro lado, a maneira como os museus *produzem* uma determinada cultura (assente nas categorizações, contextos e públicos). Sherman queria demonstrar que qualquer museu, independentemente da sua natureza, é susceptível de ter uma leitura antropológica.

A asserção de Sherman pode ser complementada com a definição antropológica de museu, proposta por Richard Handler (1993), que considera um museu como "*uma instituição em que as relações sociais são orientadas em termos de colecções de objectos, que são tornados significativos por meio dessas relações, apesar desse objectos serem compreendidos pelos 'nativos do museu' como sendo significativos, independentemente dessas relações*". A questão mais concreta da cultura material, invocada por Susan Pearce e Krzysztof Pomian, será também abordada mais adiante. De momento, parece-nos importante reter a ideia de Sherman, de que o cerne de um museu não reside nos objectos, mas sim nas relações sociais que se desenvolvem com os objectos.

O Museu da Presidência da República é, neste sentido, particularmente interessante para se realizar uma análise sociológica. Não só por ser um museu diferente de todos os outros existentes em Portugal como, também, por ser uma instituição que, declaradamente, tem propósitos de reprodução social e veicula uma cultura específica. Afinal, e de acordo com os seus mentores, é propósito deste museu formar os indivíduos para uma "*cidadania efectiva e responsável*".

Desta forma, o museu pode ainda ser entendido como espaço ritual, onde se processa a performance de passagem da condição de indivíduo a cidadão, ou, como até ousaríamos chamar, a *homo-republicanus*, em virtude do superlativo encómio prestado a este regime.

A visita ao Museu da Presidência da República consubstancia, como se tentará explicitar, uma performance ritual, com um discurso estruturado. Neste sentido, é inevitável assessorarmo-nos do notável ensaio de Carol Duncan (1995) sobre a dimensão ritual dos museus de arte. O facto de o Museu da Presidência não ser um museu de arte não invalida uma perspectiva concorrente com a visão de Duncan. Antes pelo contrário, porque os propósitos integradores deste *museu de regime* são ainda mais explícitos do que os dos museus de arte. Franz Boas, nos finais do século XIX, chamava a atenção para a peculiaridade de o *Metropolitan Art Museum* e o Museu de História Natural, de Nova Yorque, ficarem fronteiros, apenas com o *Central Park* a mediá-los; e, nesse sentido, indagava por que razão determinadas colecções de arte estariam depositadas nas secções de etnografia do Museu de Historia Natural e, não, no *Metropolitan*. A proposição de uma estética ocidental, implícita a uma cosmogonia determinada, que subjaz na organização dos museus de arte, é abordada por Carol Duncan (1995), quando nos fala dos *rituais civilizatórios* – rituais que servem para propiciar uma iniciação (ou consolidação) à cidadania, através de desempenhos performativos adequados. Ora, o Museu da Presidência explicita, no seu projecto museológico, precisamente e sem pejo, esse propósito de agregação: formar os portugueses para a cidadania.

A visita ao Museu da Presidência é uma evidente performance ritual, propiciada pelo regime político vigente. Uma notável eucaristia republicana. Na sequência do pensamento de Carol Duncan, e com recurso a autores clássicos que trabalharam a temática dos rituais e das performances (Van Gennep, Turner, Schechner, Goffman) tenta-se revelar este museu enquanto espaço ritual, em que a performance se desenvolve através do processo expositivo.

Foram realizadas diversas visitas ao local, em períodos diferentes: no trimestre subsequente à inauguração (5 de Outubro de 2004), durante a presidência de Jorge Sampaio, e em Fevereiro de 2007, no mandato de Cavaco Silva. Não se detectaram quaisquer alterações, com excepção de uma redução significativa de referências ao presidente Jorge Sampaio (em objectos, filmes e documentos expostos). Aquando da inauguração, a presença de Sampaio era bastante mais evidenciada e estava em claro desequilíbrio com as dos seus congéneres.

O Museu da Presidência da República

«*Museu*», etimologicamente, significa *templo das musas*. E, no caso do Museu da Presidência da República, o étimo sai reforçado. Este museu é, efectivamente, um templo, onde se consagra uma cultura, um modelo de sociedade, e onde se procede ao apropriado ritual de passagem.

Duncan (1995:10) é peremptória ao afirmar que muitos museus "*recordam velhos espaços rituais, não tanto pela sua arquitectura* [neo-clássica] *mas também porque eles foram concebidos para a efectivação de rituais*". De facto, um ritual requer um cenário suficientemente singular, para impor às pessoas uma atitude apropriada. No caso presente, o cenário não poderia ser mais impressivo – é o próprio Palácio de Belém, epítome do regime e *Olimpo da República*.

A liminaridade do local acentua-se quando, à entrada, dois agentes da PSP exigem aos visitantes que se coloquem em fila, alijem todos os objectos de metal para tabuleiros de plástico, coloquem os sacos numa passadeira rolante e passem pelo detector de metais. São imperativos de segurança que não ocorrem noutros museus nacionais, mas que despertam o visitante para a consciencialização de que está a penetrar num território sacralizado e restrito. Mesmo quem está absolutamente tranquilo, sente-se particularmente aliviado no final desta vistoria. Despido da sua perigosidade elementar, o neófito começa a ser propiciado para o ritual. Franqueados o *hall* de segurança e a bilheteira, atravessa-se um pátio exterior e, abrindo uma pesada porta translúcida, inicia-se o percurso expositivo. Este percurso ser-nos-á induzido pela cenografia e pela arquitectura, conduzindo-nos numa absoluta performance ritual. Carol Duncan (1995:12) afirma que a organização do espaço, nos museus (incluindo todo o aparato cenográfico), fornece, simultaneamente, o palco e o guião ("*stage & script*"), que sustentam a performance do visitante. Esta autora evoca as semelhanças dos museus com as catedrais medievais, recordando os peregrinos que, dentro do templo, seguiam uma estrutura narrativa pré-determinada, com pontos de paragem para oração ou contemplação.

O discurso de Duncan faz-nos, inevitavelmente, recordar Erwin Goffman e as suas alegorias dramatúrgicas, utilizadas para retratar os comportamentos e a acção social (palco *vs* bastidores), embora ofereça uma perspectiva mais flexível:

"*The museum is really an impresario, or more strictly a 'régisseur', neither actor or audience, but the controlling intermediary who sets the scene, induces a receptive mood in the spectator, then bids the actors take the stage and be their best artistic selves. (…) The museum setting is not only itself a structure; it also constructs its 'dramatis personae'. These are, ideally, individuals who are perfectly predisposed socially, psychologically, and culturally to enact the museum ritual.*" (Duncan, 1995:13).

O percurso-performance do visitante no Museu

O espaço expositivo do Museu da Presidência da República não é muito grande; em termos formais, são apenas duas salas. No entanto, a organização do sítio implica um percurso que não é necessariamente breve. E isso deve-se, precisamente, à sua componente ritual. Basta estarmos minimamente atentos, para identificarmos os três momentos ritualísticos clássicos, apontados por Van Gennep (1978): *separação*, *marginalidade* e *agregação*.

A mensagem que o Museu pretende transmitir é evidente: uma sagração da República, através da sua personificação nos presidentes e, aquando da inauguração, especialmente do presidente Jorge Sampaio. Na última visita efectuada, já depois da sua sucessão, foram retirados diversos objectos, textos e filmes relacionados com o anterior presidente. O repúdio da monarquia é uma preocupação obstinada e notória logo no prólogo da exposição – a primeira peça exposta, com grande destaque, é o relógio do Almirante Mendes Cabeçadas, parado nas 14 horas, momento em que, no dia 4 de Outubro de 1910, o mesmo militar sublevado ordenou os primeiros disparos de artilharia pesada sobre o Palácio Real das Necessidades, com o intento de assassinar o jovem monarca D. Manuel II nos seus aposentos. Os museólogos da instituição apresentam, com exultação, aquele cronoscópio como marcador da *hora zero da República*.

O relógio, ostensivamente exposto no proscénio do Museu, é o objecto mais incontornável da exposição. É ele que transpõe imediatamente o visitante, não só para um espaço diferente, mas também para um tempo específico, que lhe permitirá aceder à segunda fase, em que o indivíduo é considerado como *fora do tempo*. A primeira fase do processo ritual, segundo Van Gennep (1978), compreende o comportamento simbólico, pelo qual se expressa a separação do indivíduo da situação em que se encontra. Também é nesta fase preliminar que o neófito recebe os ensinamentos que lhe permitirão trilhar o resto do caminho, até à incorporação final.

Imediatamente após contornarmos o expositor do relógio republicano, ficamos perante um pequeno núcleo que nos instrui sobre os símbolos da república: admira-se uma bandeira bordada a ouro e uma partitura com a letra e a música do hino nacional, escrita pelo punho de Keil do Amaral. Com estes objectos tangíveis, a que se junta o elemento ubíquo e supremo – o Presidente – constitui-se a *Trindade Republicana*.

De seguida, todas as nossas atenções são centradas num gigantesco ecrã, que se destaca na penumbra da sala, difundindo uma intensa luz verde-rubra, numa insinuação do estandarte republicano, que banha os visitantes. Aquela luz intensa recobre os corpos das pessoas que a defrontam, vestindo-as com uma aparência bicolor.

No mesmo ecrã, em pequenos quadros envoltos naquela imensa bandeira, projectam-se diaporamas onde, sumariamente, é contada a história oficial da *inevitável* decadência da monarquia, da emergência da República e dos momentos mais marcantes do regime. A voz, maviosa mas firme, que comenta as imagens projectadas, apenas pode ser ouvida pelos visitantes que se colocam nos locais em que recebem o *banho de luz*.

A fase preliminar, de *separação*, está consumada. Neste momento, o neófito-visitante já se encontra noutro tempo (relógio), noutro espaço (museu-palácio, com encenação expositiva), foi despojado de impurezas profanas e *trajado* com vestes apropriadas (*banho de luz*) e está já instruído com um código (a história oficial da República e os seus símbolos sagrados). Duncan (1995: 11) recorda-nos que Victor Turner reconheceu estados de liminaridade em actividades como um espectáculo teatral ou a visita de uma exposição, considerando que, tal como nos rituais que suspendem temporariamente as regras

constrangedoras do comportamento social regular, estas situações podem abrir um espaço em que os indivíduos se afastem das suas preocupações e relações sociais quotidianas e se vejam, a si mesmos e ao seu mundo, com percepções e entendimentos distintos.

Eis o momento de partir *à descoberta do caminho*. O visitante entra definitivamente na marginalidade liminar quando, repentinamente, tem a sensação de que o Museu deixou de lhe induzir um percurso. Ao sair da área do grande ecrã/bandeira/banho de luz, o espaço apresenta-se desoladoramente confuso e/ou vazio, entrecortado com largas colunas que acentuam o aspecto labiríntico. Nalgumas colunas sobressaem caixas de vidro, dispostas, aleatoriamente, com objectos sem qualquer ordenação aparente. Trata-se de *presentes de Estado*, ofertados por outros Chefes de Estado a presidentes portugueses. Para além do seu carácter de objectos sacralizados (cf. Pomian 1978), por terem sido tocados por personalidades notáveis, nada têm em comum entre si (cf. Anexo 2). A sensação de se estar perdido, naquela área do museu, foi-me testemunhada também por outros visitantes, que indaguei à saída.

Estaremos, portanto, a vivenciar o caos organizacional, a que se referia Turner (1974), em que é permitida alguma licenciosidade ao neófito. É neste estádio do ritual que os teóricos apontam inversões de valores e que Turner assinala um desvanecimento das hierarquias sociais, o que propicia um estado de comunhão entre os indivíduos, nomeado como *communitas*. Essa uniformidade está patente quando, na tentativa de procurarmos coerência no percurso labiríntico, deparamos com uma pequena plateia, onde somos convidados a colocar auriculares e óculos especiais a fim de visualizarmos um filme interactivo tridimensional. Ao carregarmos no botão verde, um mordomo fardado abre-nos as portas dos aposentos do Presidente da República e guia-nos na visita por todos os cómodos do palácio presidencial, com uma intimidade apenas apropriada ao anfitrião. Quando o mordomo nos puxa a cadeira da cabeceira da mesa de jantar e nos convida a tomar parte numa refeição faustosamente servida numa baixela, temos a certeza de que estamos a receber exactamente o mesmo tratamento que o Chefe de Estado.

Após o filme/performance, e quando tenta reencontrar um percurso, o visitante é esmagado pela imponente galeria dos retratos dos presidentes – os *sacerdotes* da República. Dispostos em duas filas sobrepostas e encaixilhados em pesadas molduras barrocas, os quadros apresentam-se atrás de grandes painéis de vidro entrecortados que, sem nos separarem completamente das telas, sugerem a intangibilidade dos retratados. Encostados ao chão e á parede, com uma inclinação de 45 graus, estão diversos espelhos, um sobre cada coluna de quadros, nos quais o visitante vê a sua imagem reflectida, do outro lado do vidro. Podemos estar do *lado de lá*, mas claramente abaixo dos que já lá estão.

Sobre os painéis de vidro são projectados, alternadamente, pequenos filmes sobre o presidente que figura no quadro mais próximo. O enaltecimento é de tal modo dilecto que se pode considerar que estes filmes são verdadeiras hagiografias. De acordo com o noticiado na Imprensa, o Museu estaria a desenvolver um programa informático que permitiria ao visitante estabelecer conversas virtuais com os presidentes retratados.

Estamos prestes a concluir o estádio de marginalidade. A galeria dos presidentes permite-nos evocar Turner (1974). Num momento em que o profano e o sagrado se conjugam, em que os mortos falam e interagem com os vivos, o indivíduo percepciona as hierarquias e vive o exemplo dos sacerdotes canonizados.

Ao concluirmos a passagem pela Galeria, tomamos consciência da cenografia da sala e deixamos, definitivamente, de nos sentir *perdidos*. Um corredor amplo e completamente nu aponta o percurso para uma escadaria suspensa. Os degraus sem espelhos e a luz diáfana que, do tecto, emerge por entre as cortinas da clarabóia, promovem a sensação de ascensão, não só a um espaço, mas também a uma condição superior do indivíduo, agora mais perto da luz. No topo das escadas acedemos a uma *mezzanine*, uma espécie de varanda em redor da sala, da qual podemos observar os outros visitantes que, em baixo, recebem os ensinamentos sobre os símbolos republicanos, tomando o *banho de luz verde-rubra* e vagueando em busca de um percurso coerente. Ao ascendermos, estamos agora ao mesmo nível da fila mais elevada dos quadros retratos dos presidentes, que vemos sempre através de painéis de vidro.

A primeira coisa que se avista, ao concluir a subida, é um pequeno núcleo onde se expõem as condecorações oficiais da República. O novo regime reciclou os processos de nobilitação da Monarquia,

sendo o presidente – à semelhança do Rei – o Grão-Mestre das ordens honoríficas portuguesas. A parafernália de fitas, botões, crachás, medalhas, alfinetes e outros adereços condecoratórios pode parecer fastidioso, mas fica evidente a preocupação de apresentar aos cidadãos todas as insígnias de todas as distinções atribuíveis aos cidadãos que forem considerados "*heróis da nação republicana*". Ou seja, as distinções que estão ao alcance do neófito, agora que está prestes a assumir ou confirmar a sua condição de *homo republicanus*[1].

O resto da *mezzanine* está vazio e destina-se, exclusivamente, a servir de mirante para o nível inferior. Não há obstáculos arquitectónicos ou cenográficos e o percurso insinua-se perfeitamente. É inevitável sentir uma certa hilaridade complacente quando se observam os outros visitantes, errantes, no piso térreo.

Os corredores despojados da *mezzanine* conduzem-nos em direcção à última sala, noutro edifício, cujo acesso é feito através de uma ponte. É impossível não atribuir significado simbólico a este elemento arquitectónico, de grande valia cenográfica. Até porque, depois da ponte, o visitante penetra no derradeiro núcleo expositivo, onde se entesouram objectos íntimos dos diversos presidentes da república.

Só agora o neófito parece estar preparado para conviver com as *alfaias do templo*, os *paramentos sagrados* e as *relíquias dos canonizados*. Ali se encontram expostos o monóculo de Spínola, a espada de Gomes da Costa, a beca de Sidónio Pais, o relógio de Ramalho Eanes, a caneta de Teófilo Braga, os binóculos de Américo Thomaz, os óculos de Costa Gomes, os castiçais de cabeceira da cama de Bernardino Machado, manuscritos de Soares e de Salazar e até os paliteiros da mesa de Canto e Castro, entre outros[2].

O visitante/iniciado está agora a passar pelo seu último estádio – a *agregação*. Depois de conviver com os objectos íntimos, encontra-se perante o trono da república – o famoso '*cadeirão dos leões*', que figura nos retratos oficiais de Teófilo Braga e Mário Soares, apresentado sobre um estrado e intensamente iluminado.

De acordo com o Catálogo do Museu (Gaspar 2004), a última parte da exposição representa o "*dia-a-dia de um Presidente*". Na altura da inauguração também se podiam ver aqui diversos objectos de uso quotidiano de Jorge Sampaio, como o seu papel timbrado, os talheres das refeições oficiais, a sua caneta e até um busto marmóreo com a sua efígie em criança. Num ecrã gigante são projectadas imagens do quotidiano presidencial, incluindo actos oficiais e momentos de lazer familiar. Mais heterogéneo na última versão visionada, o filme original, de 2004, só esparsamente retratava outros presidentes para além de Sampaio.

Nota-se, ainda, que a esmagadora maioria dos objectos que se relacionam com actos oficiais, envolvendo personalidades estrangeiras, respeitam a monarquias. Sejam eles menus de banquetes, fotografias ou correspondência, a presença dos monarcas britânicos, espanhóis, marroquinos e outros, é insistente.

O que se evidencia, em todo o Museu, mas mais expressivamente nesta última sala, é o esforço para atestar a necessidade e a importância de um presidente da República, tentando eliminar cepticismos. Pormenor original e peculiar, nesta área expositiva, é a exaustiva documentação e iconografia sobre as *primeiras-damas* e o seu papel desde 1910. São apresentadas como se se tratassem de rainhas consortes, nesta República marcadamente masculina. As imagens de harmonia familiar, de todos os presidentes, são abundantes e aparecem com mais enlevo do que os conhecidos enredos das actuais famílias reais, nas revistas da *socialite*.

Aproxima-se o fim do processo, em que o iniciado fica claramente vinculado ao seu novo papel social, assimilando e cumprindo todos os preceitos inerentes à sua nova condição. Seria o momento adequado para, num ritual aparentemente mais formalizado, lhe serem impostas as insígnias que materializam e comprovam o seu renascimento. A aquisição de alguns souvenirs na loja do Museu, de entre o vasto merchandising ao dispor, poderia assumir este papel. Mas o Museu foi mais longe e, com alguma originalidade, valida este momento com uma *foto oficial* do visitante, sentado numa réplica do cadeirão presidencial. Antes de sair,

[1] À vista das condecorações – respeitantes a títulos em tudo semelhantes aos atribuídos durante a monarquia – é impossível não recordar o fascinante texto de E. Leach, "Once a Knight is Quite Enough" (*Mana* 6 (1): 31-56, 2000).

[2] Numa entrevista à RTP, o director do Museu afirmou que os objectos haviam sido seleccionados tendo em consideração as características pessoais dos seus detentores, exemplificando este esclarecimento com o relógio do pontual Ramalho Eanes e com os binóculos do marinheiro Thomaz. Ainda assim, parecem-me menos evidentes associações entre outros objectos e os seus antigos detentores. Particularmente espinhoso – e até embaraçante – será a criação de uma associação similar para o caso do par de paliteiros do General Canto e Castro.

o visitante penetra numa pequena cabina, sobe um ligeiro degrau e prime um botão. De uma ranhura sai um talão com a indicação do sítio da Internet (www.museu.presidencia.pt/extras.htm) e um código pessoal para que o mesmo possa admirar uma fotomontagem em que a sua imagem surge com o Palácio de Belém em fundo. Um pormenor bizarro, certamente do conhecimento dos mentores do Museu, é que é possível a qualquer visitante sair do edifício, subir ao jardim e fazer uma foto genuína, com o palácio em fundo, sem recurso à cabina, à fotomontagem artificial, à *password* e ao sítio da Internet. Mas será que isso serviria de comprovativo para oficializar a aquisição do novo estatuto?[3]

O marketing do Museu

O Museu da Presidência é conhecido por ter feito a maior campanha publicitária de que há memória, neste tipo de instituições. Muito ao estilo da propaganda eleitoral – que mais do que pretender vender um produto, aspira influenciar o público para a assunção de determinada atitude –, o Museu utilizou todo o tipo de suportes publicitários, em todo o território nacional. Talvez nunca antes as efígies de Salazar, de Tomás, de Sidónio e até de Afonso Costa tenham sido tão reproduzidas e difundidas. O marketing do Museu levou-as para as páginas dos jornais nacionais, para grandes painéis publicitários, para anúncios televisivos e até para milhões de pacotes de açúcar refinado (doce ironia!).

O slogan da campanha, aposto em diversos suportes, foi "***Museu da Presidência da República – VOCÊ É A PEÇA PRINCIPAL***". Nos painéis luminosos das principais cidades do país, surgiram diversos cartazes, com fundo verde-rubro comum, mas cada um com um indivíduo de sexo ou idade diferente, com um gesto expressivo, manuseando um ecrã táctil.

Antes de visitar o museu, a expectativa, obtida através da Imprensa e da publicidade, era a de encontrar algo semelhante a um *museu de comunidade*, inspirado na experiência de Georges-Henri Riviére e dos eco-museus (V.V.A.A. 1989), mas alargado à vasta comunidade nacional – um museu do território português. Supôs-se que não se iria estar perante um espaço com um significativo teor contemplativo (embora amodernado com o contributo das novas tecnologias), mas antes de um participado fórum multidisciplinar, que promovesse a diversidade como contributo para a democracia e concorresse para desconstruir a ideia, tão cara ao Estado Novo, de uma identidade nacional portuguesa específica (que se comemorava no *Dia da Raça*). Completo engano. Parece-nos que o entendimento de "*peça principal*", no caso corrente, é distinto do que supunha. Mas voltaremos a falar nisso.

Actividades para além da exposição permanente

Para além da exposição permanente, o Museu afirmava oferecer um conjunto de outras actividades, nomeadamente, exposições temporárias e acções promovidas pelo Serviço Educativo.

O Serviço Educativo, que apenas conhecemos pelas descrições apresentadas à Imprensa pelo Museu, declarava dispor de diversas acções-tipo para executar com as crianças, recorrendo a "*maletas pedagógicas, dramatizações e jogos com metodologias pedagógicas modernas e atraentes*" (Miranda, 2004). No catálogo afirmava-se, também, que "*se pretende desenvolver projectos vocacionados para jovens, adultos e grupos intergeracionais, assim como para as comunidades da zona envolvente, de emigrantes e de imigrantes*" (Miranda, 2004). A pretensão enunciada permitiria efectuar uma interessante dissertação, que não cabe nos limites deste artigo. Fica apenas o reconhecimento do propósito subjacente ao Serviço Educativo, que se revela nas entrelinhas do artigo citado: formar as crianças numa doutrina de adoração do regime, que é apresentado como modelo perfeito, impelindo-as para o cumprimento dos *deveres de cidadania* – que, afinal, são os consentâneos com o poder estabelecido –, estimulando a sua reprodução.

Durante o mês de Outubro de 2004 esteve patente uma exposição temporária, denominada "*Os Carros dos Presidentes*". Esta mostra ao ar livre ocupava a zona habitualmente conhecida como *Pátio dos*

[3] No momento da minha visita, este engenho que mimetiza as telas cenográficas dos velhos fotógrafos ambulantes das feiras estava parcialmente inoperante, pois apenas emitia talões sem registar as fotografias. Também não vi a cadeira. Foi uma funcionária do museu que me revelou o propósito de lá colocar o cadeirão, enquanto me confessava que o dispositivo nunca chegou a estar operacional.

Bichos (por ali ter existido um mini zoo, com animais exóticos, durante a época da expansão marítima). Sobre um *plateau* alcatifado e debaixo de um telheiro, enfileiravam-se algumas das viaturas da presidência da República, desde os seus primórdios. Uma legenda, junto de cada carro, dava a conhecer quem tinham sido os seus utilizadores. Ali se admiravam, com piedade devota, as almofadas estofadas que tinham suportado os quadris de veneráveis personalidades, como os Chefes de Estado, o Papa Paulo VI e a Rainha de Inglaterra, entre outros. Dos fabricantes ou dos condutores das máquinas não reza esta história; apenas sabemos dos passageiros. A frieza e a altivez dos mecanismos metálicos negros são humanizadas através da referência da legenda. Trata-se, no fundo, de uma exposição de *vitrinas* sem as *peças* (as pessoas) no seu interior. Os automóveis em nada se dissemelham de outros da mesma época, pois são viaturas de série, com ajustes imperceptíveis. Nisso se destacam das sumptuosas carruagens do Museu dos Coches, peças únicas, concebidas especificamente para determinado utilizador e/ou circunstância. Os carros poderiam estar expostos devido a outros atributos (artísticos, mecânicos, históricos, ...); contudo, neste caso – como comprovam as legendas apostas – são *relíquias* de personalidades *sagradas* e, por isso mesmo, também eles objectos sacralizados. Foi o *toque divino* de alguns corpos ilustres que permitiu a estes objectos-automóveis livrarem-se do pilão do sucateiro e lhes conferiu a magna sacralidade.

É, afinal, a reificação de que fala Susan Pearce (1992), a propósito das casas-museu, quando os objectos parecem sobrepor-se aos seus utilizadores. A vida destas pessoas fica indelevelmente ligada a estes objectos-carros que, tal como as relíquias eclesiásticas, adquiriram um valor específico através do contacto íntimo com os seus usufrutuários.

Epílogo

Uma visita ao Museu da Presidência permite-nos constatar duas dimensões, que se sustentam entre si. Por um lado, como já foi dada nota, a dimensão performativa e ritualizada do percurso expositivo; por outro lado, a veiculação de uma historiografia conveniente ao desígnio declarado da instituição – a formação de cidadãos devotos e prosélitos do regime.

Em relação à veiculação de uma historiografia conveniente, anatemizadora da monarquia, ela resulta directamente da típica versão da *história escrita pelos vencedores* e sucessivamente reproduzida nas academias e nas escolas instrumentalizadas pelo regime saído da revolução do 5 de Outubro de 1910. A perspectiva glorificadora da república, apresentada pelo Museu da Presidência, omite desvirtua muitos factos históricos dos últimos 100 anos. Começa por apresentar a tomada do poder, pelos republicanos, como uma inevitabilidade histórica, com grande apoio popular, que resgatou o país da tirania monárquica. Escamoteia-se o facto de se viver, então, numa monarquia constitucional, de o rei não dispor de poder executivo e de o Partido Republicano sempre ter obtido fracos resultados nas eleições regulares para o Parlamento.

O discurso do Museu da Presidência apresenta-nos uma *Memória da República* em três capítulos: a *1ª República*; a *Ditadura*; e a *Democracia*. Contudo, o tratamento dos dados não difere em relação a cada período apresentado. O discurso denota estar concebido, sobretudo, para justificar a República *malgré tout*, ultrapassando airosamente os momentos menos *politicamente correctos*. Parece quase ler-se, nas entrelinhas do discurso, que o que quer que tenha acontecido teria sido pior se não existisse uma República e uma continuidade deste princípio.

A necessidade obsessiva de afirmação dos valores republicanos conduziu a que se tivessem ultrapassado, no meu entendimento, os limites da razoabilidade. Branquearam-se tiranos e ditadores, omitiram-se momentos terríficos e sanguinários, apenas para tentar excomungar o período monárquico, fundamentar o actual regime (e Presidente) e reproduzi-lo para a eternidade. O discurso chega a parecer de teor evolucionista, considerando o *estádio republicano* como a etapa inevitável do progresso societal, após o *estádio monárquico*. É latente a preocupação de provar que a República (e apenas a República) pode ser um regime democrático, inovador, progressista e virado para o futuro. Ora, este desiderato não seria compatível com uma abordagem histórica isenta do período republicano português e, muito menos, das maiores repúblicas do planeta.

Verifica-se, ainda, uma contradição no discurso deste museu – que amaldiçoa a monarquia, mas que

encomia uma República que acaba por clonar o pior das velhas monarquias –: o culto a uma determinada pessoa e à sua família, a chuva de títulos, a ideia de infalibilidade oligárquica e da inevitabilidade da existência de indivíduos "*mais iguais do que outros*" (como dizia George Orwell).

O Museu da Presidência da República, mais do que um museu histórico nacional, é um espaço de propaganda do regime e do Chefe de Estado. Pelo que constatámos, todo o projecto museológico parece estar mais destinado a defender as virtualidades da República, do que a realizar outro tipo de abordagem. O seu discurso (representado na escolha dos objectos, nas legendas, na cenografia, nos suportes multimédia) é fortemente doutrinário e pretende claramente vincular os visitantes à causa.

Não é menos importante assinalarmos que, neste modelo expositivo, a informação histórica parece ser o parente pobre. A cenografia e a legendagem relevam mais outras características dos objectos expostos. A *história da república*, por assim dizer, só aparece contada nos diaporamas ou nos terminais informáticos. É sabido que não é desejável que um neófito saiba demais sobre o contexto em que vai ser iniciado; ele só deve saber aquilo que é considerado adequado e nada mais, para que não haja o perigo de colocar em causa a *doutrina canónica*. Recordemos Turner (127:1974): "*O neófito na liminaridade deve ser uma tábua rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo 'status'.*"

Em relação à dimensão histórica, não é possível deixar de considerar que a perspectiva apresentada sobre o tema é algo tendenciosa. Se, realmente, não se veiculam inverdades históricas, há, pelo menos, deliberadas omissões de factos menos honrosos, ocorridos durante as três repúblicas. Independentemente do que terão feito, da forma como atingiram o poder e de como o exerceram, todos os presidentes são hagiografados e até os seus objectos mais íntimos elevados à categoria de relíquias.

O presidente Jorge Sampaio, no seu discurso pré-inaugural (anexo 3), a propósito das doações de espólio, afirmou a sua preocupação com a relevância excessiva atribuída pela nossa sociedade aos valores materiais, enaltecendo, por isso, a atitude dos doadores. Foi o reconhecimento de um valor espiritual substantivo, inerente aos objectos, que assim deixam de ter preço. Ainda no mesmo discurso, o presidente confirmou as "*ambições históricas, culturais, pedagógicas e de formação* [do museu]. *Em democracia, não há uma historiografia oficial. A história é* ***feita****, pluralmente, pelos historiadores*" (sublinhado meu). Este conceito assumido, de que os historiadores são demiurgos da História (em detrimento dos actores e dos factos), é particularmente interessante no contexto em estudo. Porque o que realmente se verifica é que, neste museu, existe uma «*História da República*» **fabricada** por e para republicanos.

Em relação à dimensão ritual, recordamos Carol Duncan (1995), que afirma que os museus "*são instituições que reiteram as práticas religiosas e/ou rituais*". É, efectivamente, uma ideia específica, "*uma crença*" – no dizer de Duncan – "*sobre o passado, sobre o presente, sobre o indivíduo*", que o Museu da Presidência apresenta, reforçando a "*identidade ligada à cidadania*".

A visita a este museu é, sobretudo, um momento ritual. Esse facto parece comprovar-se com as declarações de Jorge Sampaio ao *Jornal de Notícias* (cf. anexo 4.2). Segundo o governante, o museu é uma forma de "*ligar os cidadãos*", na consideração de que cada visitante é "*a peça principal do museu*". Há uma evidente preocupação em criar laços sociais entre as pessoas e em partilhar uma perspectiva comum da sociedade republicana. O visitante é a *peça principal*, porque é ele o corpo/objecto que importa adequar e vincular ao estádio de cidadão luso-republicano. E esta ideia consubstancia, de facto, o propósito deste museu – um museu feito para a iniciação ou conversão de cada um de nós ao ideário social republicano. Como em qualquer ritual de passagem, o mais importante é o indivíduo; e é a necessidade de vincular indivíduos a um estádio social, que justifica a existência e a reprodução desse ritual.

Nesta República, nós somos sempre as *peças principais* – os almejados votos que legitimam os eleitos e a reprodução do regime. A existência de governados que, ao participarem nas eleições, ratificam o regime, é a condição *sine qua non* para a existência de governantes. Eis os "*laços sociais*" e o apelo à participação a que Sampaio se referia no discurso inaugural (anexo 4.2). Sem prejuízo de outros propósitos, este é um dos mais importantes pressupostos em que assenta o discurso do Museu da Presidência da República.

O presente museu evidencia o papel destas instituições no reforço das identidades (locais, de género ou de identidade ligada à cidadania). Aqui se revela a constatação de Duncan (1995), que considera que os museus de hoje são construídos para apresentarem *crenças*: sobre o mundo, sobre o passado, sobre o presente e sobre o indivíduo, reiterando as práticas religiosas/rituais.

Sem prejuízo de ser lídimo considerar que praticamente toda a acção humana está envolvida numa dimensão performativa – Schechener apontava até para uma base bio-neurológica universal do comportamento performativo –, na encenação de um ritual é absolutamente indispensável uma performance adequada. O objectivo deste processo é que o indivíduo, após a visita ao museu, saia *transformado*. Aquela performance conferiu-lhe uma nova identidade, ou reforçou a sua identidade, possibilitando-lhe sair restaurado. À saída, o visitante tem a sensação de ter sido restabelecida uma certa ordem/harmonia entre ele e o mundo. Eis os museus como instituições profundamente burguesas, com propósitos moralistas – pretendem conferir identidades às pessoas.

Complementarmente, importa acrescentar algumas notas no âmbito da cultura material. De entre as peças expostas, existem alguns *presentes de Estado* que são peças únicas, concebidas para o propósito; mas nem todos. Todos os restantes objectos do Museu são exemplos evidentes de peças de uso comum, às quais foi retirado o *valor de uso* e que foram recategorizadas como peças de museu. São exemplos evidentes: a craveira oferecida como presente de Estado; o papel e as cartas timbradas, que são semelhantes às de uso corrente pelo presidente; ou os pratos, copos e talheres, usados pelos comensais dos banquetes de Belém.

De acordo com Pomian (1978), estaremos perante a dimensão invisível (sagrada) dos objectos, adquirida pelo facto de serem usados por determinadas personalidades. É quase como se os objectos tivessem ficado para sempre impregnados de uma sacralidade, como as relíquias dos santos. Sem querermos exagerar, parece existir um fetichismo exagerado em torno do espólio apresentado. As observações de Susan Pearce (1992), relativas ao carácter fetichista dos objectos musealizados, parecem reflectir-se, sobretudo, na secção dedicada exclusivamente aos objectos pessoais dos cidadãos que foram presidentes da República. Aqui, os objectos expostos nem sequer foram de uso específico dessas individualidades enquanto titulares daquele mandato político, mas sim objectos mais íntimos, como tive oportunidade de assinalar.

Esta dimensão personalizada, fetichista e sacralizada do objecto/semióforo (Pomian 1978) é produto da sua individualização. Apesar de existirem milhões de exemplares iguais, apenas aquele preciso monóculo esteve embutido na órbita ocular de Spínola; e o mesmo princípio se aplica à caneta de Teófilo Braga, ao relógio de Eanes e à maioria dos *presentes de Estado*.

Ritual, performance e objectos individualizados estão quase sempre interligados, seja com os colares dos melanésios, com as máscaras (*personae*) em todos os continentes, com as alfaias litúrgicas, mas também com uma infinidade de objectos do nosso quotidiano pessoal e social. E, claro, nesses templos da cultura material que são os museus. Por tudo isso, não cremos que exista impropriedade ao concluir que um museu não é, *também*, um espaço ritual; ele é um espaço ritual e performativo, ainda antes de ser qualquer outra coisa.

Bibliografia

Ames, Michael M. (1992) – *Cannibal tours and glass boxes: the anthropology of museums*. Vancouver: UBC Press.

Berger, John (1972) [1987] – *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70.

Chagas, Mário (2008) – *A poética das casas museus de heróis populares*. Disponível em http://musealogando.blogspot.pt/2008/04/potica-das-casas-museus-de-heris.html.

Duncan, Carol (1995) – *Civilizing rituals: inside public art museums*. London: Routledge.

Gaspar, Diogo e Costa Pinto, António (2004) – «Apresentação», in Diogo Gaspar (coord.) – *Museu da Presidência da República*. Lisboa: Museu da Presidência da República e CTT - Correios de Portugal, pp. 6-9.

Gaspar, Diogo (coord.) (2004) – *Museu da Presidência da República*. Lisboa: Museu da Presidência da República e CTT - Correios de Portugal.

Gaspar, Diogo (2004) – «Museu da Presidência da República: conceito e materialização», in Diogo Gaspar (coord.) – *Museu da Presidência da República*. Lisboa: Museu da Presidência da República e CTT - Correios de Portugal, pp. 21-28.

Handler, Richard (1993) – «An anthropological definition of the museum and its purpose». *Museum Anthropology*, vol. 17, nº 1, pp. 33-36.

Hill, Kate (2005) – *Culture and class in English public museums, 1850-1914*. Aldershot: Ashgate Publishing, Ltd.

Jordanova, Ludmilla (1989) – «Objects of knowledge: a historical perspective on museums», in Peter Vergo (ed.) – *The new museology*. London: Reaktion Books, pp. 22-40.

Kavanagh, Gaynor (1989) – «Objects as evidence, or not?», in Susan Pearce (ed.) – *Museum studies in material culture*. Leicester: Leicester University Press, pp. 125-137.

Kirshenblatt-Gimblett, Barbara (1991) – «Objects of ethnography», in Ivan Karp & Steven Lavine (eds.) – *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museum display*. Washington: Smithosonian University Press, pp. 386-443.

Miranda, Helena (2004) – «Museu da Presidência da República: o projecto educativo», in Diogo Gaspar (coord.) – *Museu da Presidência da República*. Lisboa: Museu da Presidência da República e CTT - Correios de Portugal, pp. 33-34.

Pearce, Susan (1989) – «Museum studies in material culture: introduction», in Pearce, Susan (ed.) – *Museum studies in material culture*. Leicester: Leicester University Press, pp. 1-10.

Pearce, Susan (1992) – *Museum objects and collections: a cultural study*. London: Athlone.

Pomian, Krzystof (1978) – «A Colecção», in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 3. Lisboa, Imprensa Nacional.

Sherman, Daniel & Rogoff, Irit (eds.) (1994) – *Museum culture: histories, discourses, spectacles*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Smith, Charles Saumarez (1989) – «Museums, artefacts, and meanings», in Peter Vergo (Ed.) - *The New Museology*. London: Reaktion Books, pp. 6-21.

Turner, Victor W. (1974) [1969] – *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.

Van Gennep, A. (1978) – *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes.

V.V.A.A. (1989) – *La museologie selon Georges Henri Rivière : cours de muséologie / textes et témoignages*. Paris: Dunod – Bordas.

Anexos

1. Objectos de uso pessoal de antigos presidentes, expostos no Museu

- Farda de Spínola
- Traje académico de Sidónio Pais
- Óculos e boné de Costa Gomes
- Paliteiro de Canto e Castro
- Manuscrito de Mário Soares (livro "Portugal Amordaçado)
- Espada de Gomes da Costa
- Retrato da filha de Teófilo Braga, feito pelo próprio
- Óculos e castiçais do quarto de Bernardino Machado
- Caixa e fitas de condolências do funeral de Sidónio Pais
- Relógio de bolso de Ramalho Eanes
- Agenda e binóculos de Américo Tomaz
- Busto de Jorge Sampaio, quando criança
- Monóculo de Spínola
- Espada de Mendes Cabeçadas
- Sinete e botões de punho que foram o prémio atribuído a Gomes da Costa, num concurso de pintura na China

2. Presentes de Estado expostos no Museu

Oferta	Ofertante	Ofertado
Espada	Sukarno (indonésia)	A. Tomaz
Floreira de louça	Isabel II (R.U.)	R. Eanes
Cavalo de bronze	Giscard d'Estaing (França)	R. Eanes
Craveira	Edward Giesek (Partido Comunista da Polónia)	Costa Gomes
Relógio de mesa	Hassan II (Marrocos)	J. Sampaio
Presépio	Yasser Arafat (Palestina)	J. Sampaio
"Samovar"	Sheik Ormar Badj	A. Spínola
Panóplia com escudo soviético	Brejnev (URSS)	C. Gomes
Espada	Juscelino Kubitscheck (Brasil)	Craveiro Lopes
Balas da 1ª Guerra Mundial	Raymond Poincaré (presid. França)	B. Machado
Miniatura de máscara tribal, em ouro	Aristides Pereira (Cabo Verde)	R. Eanes
Miniatura de "Lulik" (casa típica timorense) em filigrana de prata	Xanana Gusmão (Timor)	J. Sampaio
Chávena "la tasse de lumiére"	F. Miterrand (França)	M. Soares
Carapaça de tartaruga, com pinturas	Juscelino Kubitscheck (Brasil)	Craveiro Lopes
Floreira japonesa	Akihito (Imperador do Japão)	J. Sampaio
Taça "micénica"	Papagos (Marechal da Grécia)	C. Lopes
Cigarreira	Ramaswani Venkataraman (Presidente da União Indiana)	M. Soares
Pequena escultura de esquimó e leão-marinho	Governador do Canadá	A. Tomaz

3. Discurso de Jorge Sampaio, na pré-inauguração do Museu

(Fonte: *Serviços da Presidência da República,* disponível em http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/noticias/noticias/discursos-1099.html)

Discurso de SEXA o PR por ocasião do lançamento do Museu da Presidência da República
Palácio de Belém, 17 de Maio de 2004

Minhas Senhoras e Meus Senhores,
Caros Amigos,

«Este acto que hoje aqui nos reúne constitui um passo fundamental para que o Museu da Presidência da República possa cumprir os objectivos historiográficos, culturais, pedagógicos e cívicos que inspiraram a sua criação. As minhas primeiras palavras são, pois, para agradecer calorosamente a vossa presença e, sobretudo, o que essa presença significa: o vosso apoio generoso e concreto a este projecto, traduzido em várias formas de cooperação e colaboração.

Aos antigos Presidentes da República e às famílias e herdeiros dos que já não estão entre nós, quero testemunhar, em nome pessoal e em nome de Portugal, o meu profundo reconhecimento pela vossa participação na constituição do Museu, através de doações, depósitos ou empréstimos de espólios de arquivos e peças, num processo de sensibilização e pesquisa que ainda não está encerrado. Sei que o fazem por generosidade e patriotismo, com consciência cívica e cultural, num espírito de serviço à comunidade. Num mundo em que, tantas vezes, parece só os valores materiais contarem, o vosso exemplo merece louvor e mostra que foram outros, bem diferentes, os valores que determinaram a vossa disponibilidade, participação e apoio. Muito obrigado a todos.

Também muitas instituições, públicas e privadas, e ainda pessoas singulares nos dão a sua colaboração preciosa. Sem ela, este projecto teria de ser menos ambicioso. Com ela, constituíram-se parcerias fecundas e modos úteis, para todos, de cooperação, potenciando bens e recursos, sinergias e competências específicas. Sabendo nós que muitas vezes não é fácil o entendimento e a colaboração para objectivos comuns, creio que este exemplo frutuoso que hoje aqui se consagra com a assinatura dos protocolos é também merecedor de registo e continuidade.

É este também o momento de anunciar que eu próprio vou entregar ao Museu os presentes de Estado que tenho recebido e nele depositarei a parte do meu arquivo pessoal e político que se inscreve nas finalidades do projecto.

Meus Amigos,

O Museu da Presidência da República quer ser, como mostra o filme de apresentação, um projecto aberto, interactivo e descentralizado, características estas que especialmente reputo essenciais para a modernização da nossa sociedade. Não se esgota, pois, na sua exposição permanente, aliás sempre renovável. Tem ambições historiográficas, culturais, pedagógicas e de formação. Em democracia, não há uma historiografia oficial. A história é feita, pluralmente, pelos historiadores.

É, por isso, muito importante o acesso que garantimos a investigadores, estudantes, estudiosos, jornalistas e cidadãos, em geral, ao património do Museu. Essa matriz de independência científica e liberdade de investigação marca o Museu desde a sua constituição e forma o seu código genético. A equipa do Museu, coordenada pelo Dr. Diogo Gaspar e tendo como consultor científico o prof. António Costa Pinto, tem trabalhado de acordo com estes princípios fundamentais. Este não é um Museu para fazer a hagiografia de ninguém. É um lugar de conhecimento, divulgação e investigação de um tempo histórico, centrado na instituição presidencial. Como tenho dito e independentemente do juízo político que se possa fazer sobre figuras e acontecimentos, a História assume-se na sua integralidade e deve ser estudada e conhecida, tirando-se dela ensinamentos e lições. É este o grande desígnio que levou à criação do Museu da Presidência da República.

Renovo a todos vós os meus agradecimentos e não esqueço os que não estão aqui hoje, os mecenas, e aos quais terei oportunidade de expressar, numa oportunidade próxima, o meu reconhecimento. Espero receber-vos a todos na abertura do Museu, em 5 de Outubro. Um Museu que, repito, sem a vossa colaboração não se podia ter feito».

4. Notícias na Imprensa

4.1 Press Release do Gabinete de Imprensa do Palácio de Belém

Museu da Presidência da República (http://www.museu.presidencia.pt/)

Inaugurado no passado dia 5 de Outubro, dia que celebrava o 94º aniversário da República Portuguesa, o Museu da Presidência da República estará aberto ao público a partir de 9 de Outubro.

Partindo de uma ideia inicial do Presidente Jorge Sampaio, o projecto da constituição de um Museu da Presidência da República desenvolveu-se ao longo de três anos, com a colaboração de uma vasta equipa especializada que operou sob a direcção de Diogo Gaspar e consultoria científica de António Costa Pinto.

A um núcleo inicial constituído apenas pelos presentes de Estado legados à Presidência da República pelo General Ramalho Eanes, a equipa conseguiu acrescentar um espólio que contabiliza agora mais de 1500 objectos, entre presentes de Estado, objectos pessoais, condecorações e ainda um acervo documental que inclui arquivos particulares, políticos e biográficos da maior parte dos Presidentes da República.

O museu da Presidência da República assume-se não como um simples espaço de contemplação e fruição das obras, mas sim como um organismo activo, centro de estudo e de investigação, de edição e outras iniciativas culturais (conferências, "*ateliers*" infanto-juvenis, etc.).

A entrada para o Museu faz-se pelo lado esquerdo da entrada principal do Palácio, situada no edifício voltado à Praça Afonso de Albuquerque, cujo projecto da reformulação é da autoria do arquitecto Pedro Vaz e implicou a recuperação do antigo edifício da Guarda Nacional Republicana e a renovação da frente urbana do Palácio. Neste primeiro núcleo encontra-se a loja do Museu e as salas de formação. Deste edifício, atravessando o Pátio das Equipagens, passa-se ao edificado onde foi instalado o espaço principal do Museu, as antigas cavalariças do Palácio. A adaptação do discurso expositivo à estrutura espacial pré-existente foi um projecto desenvolvido pelos arquitectos Rui Barreiros Duarte e Ana Paula Pinheiro e reflecte preocupações ao nível da adequação do espaço a estratégias de comunicação e visualidade modernas e a um conceito de museu que aposta e privilegia as novas tecnologias e a apresentação interactiva dos conteúdos. Um outro dado importante é preocupação com os acessos especiais para pessoas com deficiências motoras.

O papel dado às novas tecnologias é muito relevante, elas permitem uma melhor sistematização e utilização individual dos conteúdos do museu, são facilmente actualizáveis, e permitem agregar mais informação utilizando menos espaço. O espírito de modernidade, a opção técnica pelos formatos mais actuais ao nível dos materiais, dos equipamentos, das estruturas e das formas de comunicação, constituem outro distintivo deste museu e fazem-no único no panorama nacional. Tecnologias que possibilitam ainda a extensão do museu na Internet, através de um Website (que deverá estar "*online*" em Novembro), um Arquivo Digital e um Museu Virtual.

O núcleo principal da exposição organiza-se em função dos três principais períodos em que se pode dividir a história do século XX português: 1ª República (1910-1926), Ditadura (1926-1974) e Democracia (de 1974 até à actualidade). Cada um destes períodos é analisado e apresentado de uma forma que combina objectos tridimensionais e audiovisuais. No conjunto dos objectos tridimensionais que integram a exposição permanente, a galeria de retratos presidenciais, que foi transladada do Palácio para integrar o acervo do museu, tem especial destaque e é acompanhada pela projecção de pequenos filmes biográficos de cada um dos presidentes retratados, através de um interessante sistema de projecção holográfica.

4.2 Agência LUSA, 05 Outubro de 2004 (disponível em: http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=655&tm=8&layout=121&visual=49)

Sampaio quer programa nacional de afirmação da República até 2010

O Presidente da República quer que seja preparado um programa nacional de afirmação dos valores republicanos entre 2005 e 2010, ano em que será assinalado o primeiro centenário da Implantação da República.

"Devemos preparar e cumprir um programa nacional inovador, ambicioso e mobilizador de afirmação dos valores republicanos", afirmou hoje Jorge Sampaio, na inauguração do Museu da Presidência da República, no Palácio de Belém.

Para o chefe de Estado, este Museu deverá ser *"um instrumento fundamental"* na execução desse programa, que o Presidente quer ver "assumido ao mais alto nível".

Inaugurado no dia do 94º aniversário de implantação da República, o Museu conta com um espólio de cerca de um milhão de peças cedidas por ex-presidentes ou respectivas famílias num espaço em que as novas tecnologias são a nota dominante.

Jorge Sampaio aproveitou a oportunidade para agradecer a *"todos os que tornaram possível"* o Museu: famílias, mecenas e colaboradores técnicos e científicos.

"Enalteço o exemplo que muitas vezes não é fácil de encontrar em Portugal, sabemos que frequentemente vigora um espírito de capelinha que isola em vez de ligar", frisou Jorge Sampaio, que viu neste Museu uma forma "de ligação aos cidadãos".

"Tenho procurado, no decurso dos meus dois mandatos, tornar efectiva esta ligação e fundá-la na partilha de preocupações comuns", afirmou Sampaio, garantindo que este será *"um propósito constante"*, até ao último dia do seu mandato.

Considerando cada visitante *"a principal peça do Museu"*, Sampaio sublinhou que é na actualização dos valores da República que deverá ser celebrado o 05 de Outubro.

"É nos períodos difíceis - e todos sabemos que é um desses períodos que estamos a viver - que devemos aproveitar as dificuldades para ousar ver além do imediato", desafiou Jorge Sampaio.

A inovação, com recurso às novas tecnologias, é uma constante no Museu da Presidência, possibilitando desde visitas virtuais ao Palácio de Belém até ao conhecimento da História dos três períodos da República – I República, Estado Novo e Democracia.

A ideia de constituir este Museu foi do próprio Jorge Sampaio quando, no início do primeiro mandato, entrou em Belém e constatou que um grande espaço situado ao lado da entrada principal do palácio servia como uma *"gigantesca arrecadação"*.

O Museu abre a partir de hoje as suas portas ao público (terá em breve um sítio na Internet) e conta ainda, até domingo, com uma exposição temporária de automóveis oficiais utilizados por antigos Chefes de Estado, pelo Papa João Paulo II ou pela Rainha de Inglaterra.

4.3 Portal IOL (disponível em: http://www.lifecooler.com/artigo/passear/museu-da-presidencia-da-republica/389758/reportagem/)

Museu da Presidência da República: Noventa e quatro anos de república em Portugal.
(Paula Oliveira Silva, 2004-10-05)

Está instalado no sítio que lhe compete, o Palácio de Belém, em Lisboa e a inauguração não podia ter acontecido numa data mais acertada: o dia 5 de Outubro. Porém, o Museu da Presidência da República só se vai encontrar de portas abertas para quem deseje saber um pouco mais sobre os 17 homens políticos que chefiaram o Estado português desde 1910, a partir do próximo sábado.

Um curto filme dá conta das imagens originais do dia da Implantação da República e através de uma visita virtual a três dimensões, fica-se a conhecer todos os cantos do Palácio de Belém. Os principais acontecimentos de cada ano são mostrados com um simples toque num ecrã de computador e a biografia política de cada um dos Presidentes é narrada num filme de um minuto e meio.

Objectos tão pessoais e simbólicos como um relógio de ouro que pertenceu a Mendes Cabeçadas revelam histórias e acontecimentos políticos do país. A pistola que acompanhava Sidónio Pais, o presidente-rei assim chamado por Fernando Pessoa num poema a si destinado, o famoso monóculo de Spínola, uma pequena agenda das muitas em que o último Presidente da República do período da ditadura, Américo Tomás, descrevia religiosamente os seus dias... Durante 67 anos, à razão de uma por trimestre.

É impressionante a quantidade de informação contida nestes diários. É claro que o 25 de Abril sobressai nos escritos e até nessa data, já com a revolução em curso, não falhou à forma habitual de falar do tempo. *"O tempo voltou a turvar-se (...) para o fim da tarde abriu." E ao final desse mesmo dia já a caminho da Madeira e posteriormente para o exílio para terras de Vera Cruz ainda se pronunciou: "À saída de Lisboa, o tempo estava muito melhor, mas havia nuvens."*

O actual Presidente da República, Jorge Sampaio, legou ao museu um busto seu enquanto criança feito pelo tio e escultor, António Duarte. Nem falta a Galeria dos Retratos Oficiais pintados por artistas de renome como Columbano. Claro que num museu como este são indispensáveis os ícones nacionais como a bandeira de Portugal bordada a oiro e uma partitura com letra e música do hino nacional escrita à mão por Keil do Amaral, o autor.

No final da visita, que custa 2,5 euros, pode fingir-se presidente por um dia. A fotografia ali tirada comprova esse curto mandato.

As oficinas são actividades de carácter lúdico e pedagógico, que incidem sobre temas relacionados com o Presidente da República, o Museu, o património e as vivências do Palácio Nacional de Belém. Visam desenvolver competências relacionadas com estas temáticas, através de actividades de experimentação e de expressão artística. As oficinas têm lugar num espaço especialmente adaptado para as actividades previstas.

Figura 1 - Palácio de Belém: entrada do museu.

Figura 2 - O detector de metais, à entrada do museu.

Figura 3 - Proémio do Museu. O relógio de Mendes Cabeçadas, que assinala o início do bombardeamento do Palácio Real – dita *"hora zero da república"*.

Figura 4 - Notável relíquia republicana: estilhaço dos primeiros obuses arremessados para o Palácio das Necessidades, com o objectivo de assassinar o Rei.

Figura 5 - Quadro do diaporama da história oficial. O laconismo da informação parece querer promover a ideia de que os republicanos tiveram de tomar o poder, por ausência do rei.

Figura 6 - O *banho de luz*.

Figura 7 - Aspecto nu, frio, desolador e algo labiríntico que o visitante/neófito vive, depois de receber os ensinamentos básicos sobre o regime e os seus símbolos, e de ter vestido as cores verde e rubra, através do *banho de luz*.

Figura 8 - A *Galeria dos Presidentes*.

Figura 9 - Apesar do anticlericalismo, as condecorações da república respeitam a títulos de ordens religiosas-militares e o crucifixo é o seu símbolo mais evidente.

Figura 10 - Monóculo de Spínola.

Figura 11 - Busto do menino Jorge Sampaio, emprestado pelo próprio.

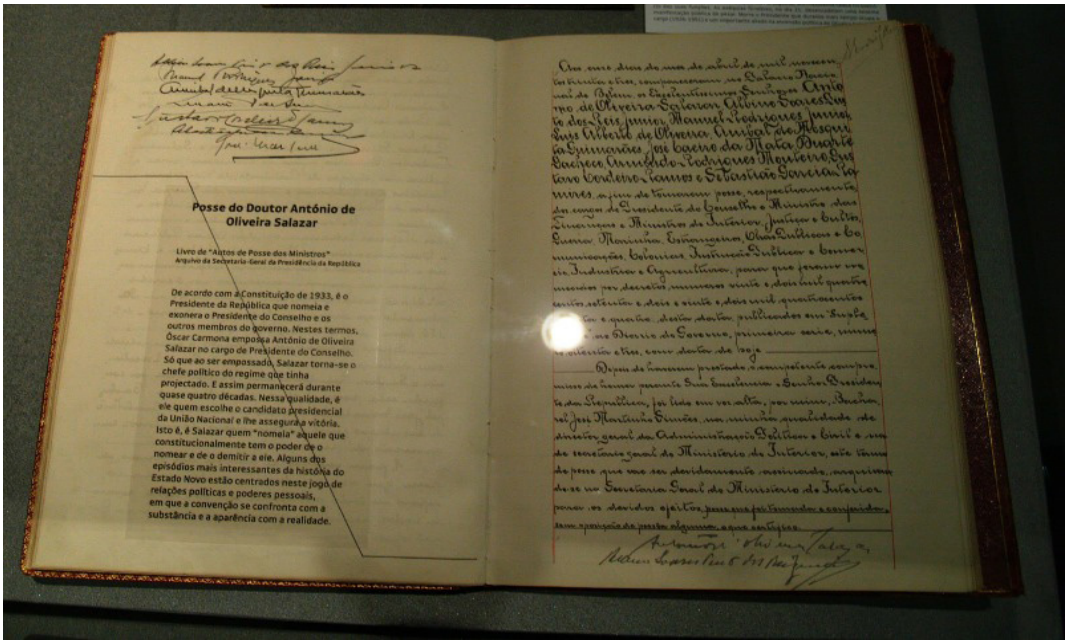


Figura 12 - Auto de posse de Salazar (que nunca foi Presidente da República).

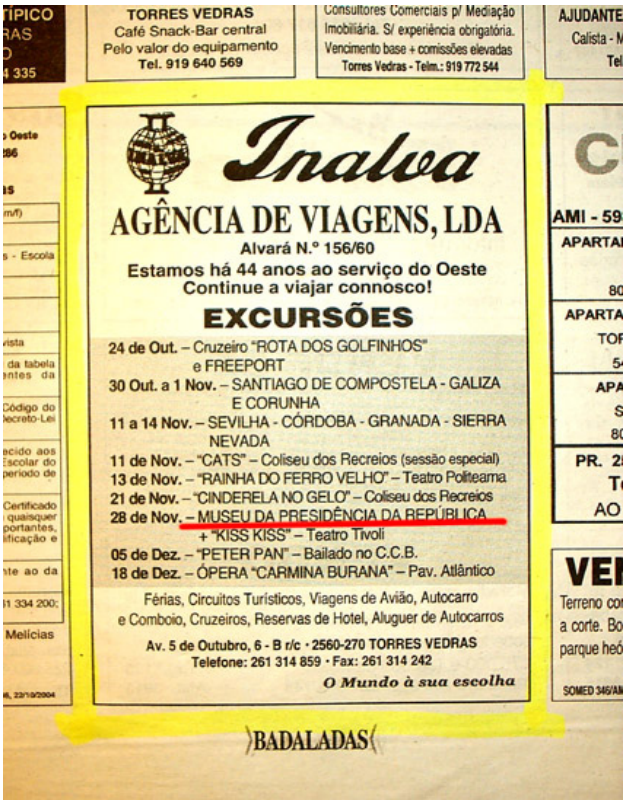
Figura 13 - A esposa de Américo Thomaz.

Figura 14 - Alguns dos pacotes de açúcar da colecção editada pelo Museu.

Figura 15 - Thomaz condecora Eusébio. Milhões de pacotes de açúcar recordaram Portugal deste momento épico.

Figura 16 - A cabina (inoperacional) onde o visitante poderia ser fotografado com a residência presidencial em fundo.

Figura 17 - Painel publicitário urbano exibe a campanha publicitária *"Você é a peça principal"*.


TORRES VEDRAS
Café Snack-Bar central
Pelo valor do equipamento
Tel. 919 640 569

Consultores Comerciais p/ Mediação Imobiliária. S/ experiência obrigatória. Vencimento base + comissões elevadas
Torres Vedras - Telm.: 919 772 544

Inalva
AGÊNCIA DE VIAGENS, LDA
Alvará N.º 156/60
Estamos há 44 anos ao serviço do Oeste
Continue a viajar connosco!
EXCURSÕES
24 de Out. – Cruzeiro "ROTA DOS GOLFINHOS" e FREEPORT
30 Out. a 1 Nov. – SANTIAGO DE COMPOSTELA - GALIZA E CORUNHA
11 a 14 Nov. – SEVILHA - CÓRDOBA - GRANADA - SIERRA NEVADA
11 de Nov. – "CATS" – Coliseu dos Recreios (sessão especial)
13 de Nov. – "RAINHA DO FERRO VELHO" – Teatro Politeama
21 de Nov. – "CINDERELA NO GELO" – Coliseu dos Recreios
28 de Nov. – MUSEU DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA + "KISS KISS" – Teatro Tivoli
05 de Dez. – "PETER PAN" – Bailado no C.C.B.
18 de Dez. – ÓPERA "CARMINA BURANA" – Pav. Atlântico
Férias, Circuitos Turísticos, Viagens de Avião, Autocarro e Comboio, Cruzeiros, Reservas de Hotel, Aluguer de Autocarros
Av. 5 de Outubro, 6 - B r/c · 2560-270 TORRES VEDRAS
Telefone: 261 314 859 · Fax: 261 314 242
O Mundo à sua escolha

BADALADAS

Figura 18 - Recorte de jornal, com programa de excursão ao museu.